

ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO.**

Agente geral, **PAULA NEY.**

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26\$000 e 13\$000. Numero avulso 500 reis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

AFFONSO CELSO Urbano Duarte.
POEMA DA AUSENCIA	Americo Moreira.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
RASTRO DE AMOR	Adelino Fontoura.
A NOIVA DO BERNARDO	Cunha Mendes.
VISÃO MODERNA	Leonidas e Sá.
PARODIA DO «HAMLETO»	Fantasio.
DUAS PAIZAGENS	Fontoura Xavier.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
THEATROS X, Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

CARDOSO DE MENEZES

AFFONSO CELSO

O moço illustre de quem o *Album* dá hoje o retrato é, como todos sabem, filho dos viscondes de Ouro-Preto e natural da capital de Minas Geraes, onde veio ao mundo a 31 de Março de 1860. Conta, portanto, 33 annos feitos.

O Dr. Affonso Celso de Assis Figueiredo pertence a essa raça de seres privilegiados, nos quaes a Natureza como que se comprouve em congregar os dotes pessoaes mais raros e preciosos.

Gentil no porte, formoso de semblante, de olhar simultaneamente claro, franco e fascinador, tudo isso ainda é realçado pelo encanto de uma apurada educação e de uma affabilidade que a todos captiva e enleva.

Porém todas essas prendas exteriores ficam muitissimo aquém do valor intrinseco e immanente do seu espirito e do seu coração. O conteúdo, por assim dizer, offusca o continente. E não se veja no que dizemos recurso de rethorica nem lisonja de amizade.

De seu eminente pae, o Sr. visconde de Ouro-Preto, elle herdou a capacidade para os estudos solidos, a rija fibra de lutador, a ardente combatevi-

dade dos que disputam a palma da victoria e a admiração das turbas; de sua mãe, pertencente á illustre familia dos Toledos, provém-lhe o talento artistico, o sentimento poetico, a fina flor azul que brota nos refolhos do coração e que só com elle morre.

As suas predisposições nativas, que parecem antagonicas e exclusivistas, fundiram-se harmoniosamente na sua pessoa, dando origem ao phenomeno raro de um espirito ao mesmo tempo pensador e artista, grave e gracioso, circumspecto e ligeiro, tomando a vida a serio, mas amenisando-a e ornando-a de tudo quanto a imaginação e o gosto suggerem a um homem de escol.

Precocemente se revelou a notavel ductilidade da sua intelligencia.

Veio para o Rio de Janeiro em 1866, e aqui estudou primeiras lettras e fez os preparatorios, sendo em todos approvado com distincção; em seguida pedio ao Parlamento licença para matricular-se na Faculdade de Direito de S. Paulo, sem ter a idade legal.

Obtendo-a, iniciou o curso juridico e continuou-o com brilhantismo até 4 de Novembro de 1880, em que recebeu o gráo de bacharel; a 7 de Abril de 1881, após defesa de these, foi consagrado doutor de borla e capello.

Em Outubro do mesmo anno teve o desvanecimento de se ver eleito deputado geral pela sua provincia, na primeira eleição que então se realizou pelo systema directo, sob o ministerio Saraiva. D'ahi em diante nunca mais deixou de ser deputado sendo reeleito em todas as legislaturas até a extincção do antigo regimen.

*

Como representante da Nação, apesar do verdor dos annos, Affonso Celso rapidamente conquistou assignalado posto entre os proceres da Assembleia; e alguns velhos parlamentares, que sorriam ao principio em presença do seu ardor juvenil dos vinte annos, mais tarde viram-se forçados a curvar os cabellos brancos perante a eloquencia vibrante, a estupenda actividade, os recursos de politico de raça, o prestigio pessoal do moço deputado.

Fez parte das commissões mais importantes e discutio os assumptos de mais relevancia que se agitaram na Camara, sempre no ponto de vista mais liberal e democratico. Na sessão de 1887 occupou a tribuna *todos os dias*, como *leader* da opposição ao gabinete Cotegipe. Deve-se á sua iniciativa e esforços o comparecimento do Brasil á Exposição Universal de 1889, serviço este que foi galardoado pelo governo francez com o gráo de official da Legião de Honra.

O Dr. Affonso Celso nunca aceitou cargo algum de nomeação do governo; em 1883 o conselheiro Lafayette convidou-o para presidir uma provincia, em 1885 o conselheiro Dantas offereceu-lhe a pasta de estrangeiros, em substituição ao Sr. Matta Machado, e em 1889 o Imperador empenhou-se muito para que elle fosse nomeado ministro plenipotenciario nos Estados-Unidos, por occasião do Congresso Pan-Americano.

O nosso distincto compatriota recusou-se sempre, sendo que para a ultima das indicações supra-mencionadas allegou nobremente não lhe ficar bem uma distincção d'aquella ordem, sendo filho do presidente do conselho.

*

Deixemos o politico e voltemo-nos para o homem de letras.

Além de conferencias e discursos, o Dr. Affonso Celso tem publicado as seguintes obras: *Preludios* (1875), *Devaneios* (1877), *Telas Sonantes* (1879), *Poemetos* (1880), *Camões* (1880), *Vultos e Factos* (1892) e *Minha filha* (1893).

Nos dous ultimos livros, que tão brilhante exito obtiveram, Affonso Celso mostrou-se escriptor de primeira plana, fluente, natural, imaginoso, escoimado de adjectivações parasitas e fatigantes, moderado nos conceitos, correcto na linguagem, e sincero na emissão dos sentimentos. Interessa e commove — eis quanto basta para assegurar o valor da sua litteratura.

Poetou muito em S. Paulo, durante a phase do romantismo academico, e compoz lindos versos, alguns dos quaes se tornaram populares.

Ama e admira apaixonadamente o que neste mundo merece ser amado e admirado; o movimento do seu espirito é prodigioso, nada escapa á sua attenção e perspicuidade.

Lê, ou antes, devora as novidades que vão sahindo á luz, assigna diversas revistas estrangeiras litterarias e scientificas, e não lhe escapa um unico artiguete de qualquer jornal fluminense!

De sorte que a sua conversação é a mais instructiva, animada e pittoresca que se póde desejar. Além d'isso, viajou pelas duas Americas, pela Europa e por parte do Brasil, collhendo nessas perigrinações farta messe de ideias e factos, que conserva vividos e nitidos na memoria, sendo capaz de descrever coisas passadas ha annos com a exactidão de uma placa photographica e o colorido de um

impressionista. A fidelidade de sua retentiva é extraordinaria; de nada se esquece, ou antes, só sabe esquecer-se dos innumeros favores e serviços que prestou aos outros, quando militava na politica.

*

Parecerá superfetação ou exagero acrescentar que, sobre este conjuneto de qualidades que o exalçam, o Dr. Affonso Celso é ainda o typo ideal do bom filho e do bom pae. Ideal, digo-o bem, porque não ha outro qualificativo que possa traduzir aquelle amor cego e aquella devotação sem limites.

Quem ler as suas duas obras ultimas, sente transmittir-se-lhe o fremito mysterioso e sagrado que vibra nas paginas dedicadas a seu pae e á sua filha...

Tudo que dissessemos aqui a tal respeito seria descorado e tibio; por isso, remettemos aquelles, que ainda a não fizeram, á leitura dos supracitados livros.

*

O Dr. Affonso Celso manifesta muito gosto e vocação para a medicina, e até tentou formar-se em Pariz. A sua *marotte* é dizer que só nasceu para medico e que errou a profissão.

A verdade é que tem tratado de alguns doentes, pessoas de casa, com singular pericia para um leigo no assumpto; dous cunhados seus, enfermos de febre amarella, o tiveram por enfermeiro. Um falleceu, pelo ataque fulminante, o outro salvou-se, apesar de ter chegado a um estado quasi desesperador. O moço foi d'este modo se habituando com a terrivel molestia, a qual synpathisa, ou antes, antipathisa mortalmente com os filhos de Minas-Geraes. Um dia adocece e morre um amigo; Affonso Celso assiste aos seus ultimos suspiros, lava o corpo e veste-o, e passa a noite inteira diante d'aquella atmospherica microbiana. Quando volve á casa, no dia seguinte, arde em febre de 41 grãos!

Esteve ás portas da morte, e alguns medicos já não davam nada pela sua vida. Um dia fui visitá-lo, achando-se na sala proxima o visconde de Ouro Preto, mergulhado n'uma afflicção impossivel de descrever. Pois bem, o doente quasi *desengañado*, já tocado pelos terriveis symptomas do vomito negro e da constrictão epigastrica, rio-se, conversou, contou historias de viagens, perguntou por todos, com a absoluta clareza intellectual de um homem são. Notei apenas que pedia agua a miudo e que balouçava inquietante o corpo de um para o outro lado.

Sahi convencido de que não se achava tão mal, apesar de ter um provector facultativo affirmado, momentos antes, que havia apenas uma pequenina nesga de esperanza no restabelecimento.

Que força de espirito e que elasticidade nervosa!

*

Para concluir:

O Dr. Affonso Celso é official da Legião de Honra e de S. Thiago de Portugal, socio effectivo do Ins-

tituto Historico e de outras associações scientificas e litterarias, lente cathedratico da Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes.

E' casado desde 1884 com uma senhora distinctissima, cuja companhia é bastante para tornar um homem feliz, tem quatro interessantes filhos, a um dos quaes appellidou de *general*, por tel-o destinado á carreira militar, resolução que posteriormente abandonou.

Não fuma, só bebe agua, e só vae a divertimentos levando a esposa.

Possue força magnetica no olhar, e hypnotisa com facilidade.

Só tem um defeito : Não gosta de fructas.

URBANO DUARTE.

POEMA DA AUSENCIA

EPILOGO

Como da aurora a matutina estrella
Vae n. s. ninhos os cantos despertando,
Assim tambem minh'alma vae cantando
Só á lembrança de tornar a vel-a.

Bandos de risos, vinde recebel-a,
Pelos caminhos flores dispersando,
Flores que eu beije e que ella vá pisando
Porque beijar-lhe os pés fóra detel-a.

Fallo a vós que sentis, almas amantes,
Que o gozo conheceis d'estes instantes
Em que se choram da anciedade os prantos,

Quando de longe torna o bem amado
É as alegrias voltam do passado !...
Dá-se um beijo á partida e á volta... quantos !...

AMERICO MOREIRA.

Abril de 93.

CHRONICA FLUMINENSE

Inveja-me, leitor: estive, durante tres dias, a uns cento e cincoenta kilometros de distancia da rua do Ouvidor, na fazenda de Sant'Anna, estação do Esteves, municipio de Valença, estado do Rio de Janeiro! Fui e voltei em companhia dos meus collegas Valentim Magalhães e Urbano Duarte, e do sympathico engenheiro e architecto Dr. Araujo Vianna. Inveja-nos, leitor !

Inveja-nos, porque não imaginas que felizes, que mimosos fomos durante esses tres dias, agasalhados pelo dono da fazenda, o Sr. Lucio Martins Esteves, um agricultor intelligentissimo, que tem o bom gosto e a rara virtude de não se privar de nenhum dos

confortos da civilisação e da hygiene, e que possui uma escolhida bibliotheca, na qual se encontra tudo quanto de bom se publicou e se publica, — livros, folhetos, opuseculos, monographias, jornaes, revistas, periodicos, illustrações, o diabo !

Com que saudade nos separámos d'esse obsequioso e illustrado cavalheiro, e com que abundancia de coração lhe peço que receba aqui, publicamente, o nosso agradecimento collectivo.

*

Foi lá, entre as verdes colinas de Valença e ao marulhar do ribeirão Sant'Anna, que cahio sob os meus olhos a noticia de ter sido nomeado ministro das relações exteriores um moço cujo nome não me occorre neste momento.

O Sr. Floriano gosta do imprevisto. Não lhe quero mal por isso, pois na nossa boa terra o previsto offerece, por via de regra, resultados absolutamente negativos. Quando a opinião publica tem levado muitos annos a indigitar para ministro o cidadão Fulano dos Anzóes, e este afinal consegue abiscoitar uma pasta, fiquem certos de que sua excellencia vae dar por páos e por pedras, e ficará mais dia menos dia completamente inutilisado para a vida publica.

Quem sabe se ha um grande estadista dentro d'esse moço de trinta annos, cujo nome continúa a escapar-me ?

*

O brasileiro tem muitas manias. Uma d'ellas, talvez, a mais innocente, é descobrir a direcção dos balões. De vez em quando surge um senhor que suppõe ter resolvido o problema da navegação aerea. Quantos bradaram *Eureka!* antes e depois d'aquelle pobre Julio Cezar, que afinal morreu como um João Fernandes ! O penultimo foi o Sr. deputado Augusto Severo; o ultimo é o Sr. capitão Affonso Barrouin. Dizem que tanto um como outro chegaram a resultados assás positivos. Se assim é, o Brasil vae a ter a gloria de resolver duas vezes, por differentes meios, um problema que tem preocupado os homens da sciencia nos paizes mais adiantados do mundo, e mettido muita gente nos hospitaes dos malucos.

Ninguem mais do que eu estima que a obra de Bartholomeu de Gusmão seja completada por outro brasileiro; mas quizera—digamol-o francamente—que, antes de descobirmos a direcção dos balões, descobrissemos a direcção de nós mesmos. O Brasil não encontrou ainda o seu ponto de apoio...

*

Entretanto, o homem do dia não é o Sr. capitão Affonso Barrouin, apezar do seu balão; não é tambem o Sr. senador Christiano Ottoni, apezar da biographia, que escreveu e publicou, de D. Pedro de Alcantara, e tanta celeuma tem levantado; não é tão pouco Mr. Elysée Reclus, o celebre geographo e

socialista francez, nosso illustre hospede ; o homem do dia é o Sr. senador Cunha Junior, o parlamentar mandado pelo governo ao Rio Grande do Sul.

O povo espera soffrego e ancioso os resultados da intervenção de sua excellencia ; segue-c por toda a parte, avido e palpitante, os olhos arregalados e os ouvidos alerta...

Vamos, Sr. senador, diga-nos francamente o que ha, e quanto tempo ainda póde durar a guerra...

*

Aqui na Capital Federal as coisas tambem se entroviscaram, graças ao animo bellicoso dos rapazes da Escola Militar, que têm sangue na guelra, e a um discurso do Sr. deputado Benedicto Valladares, discurso que eu não li, mas elles leram...

Serio foi o caso, e teria, talvez, funestas consequencias, se o referido Sr. deputado não fizesse na quarta-feria boa romaria... deixando-se ficar em casa. Pretendiam os estudantes vaial-o no proprio «seio da representação nacional», e começaram por invadir o edificio da Camara, vulgo Cadeia Velha. Felizmente o Sr. João Lopes, que é homem para as occasiões difficeis, defendeu e salvou a soberania do povo.

Em nome da tranquillidade publica, pede-se ao ameaçado representante da Nação que tão cedo não vá á Camara, sob pena de passar a chamar-se Vaia-dares.

*

No dia anterior a Camara fizera jús ao agradecimento publico, desapprovando, por 65 votos contra 57, o tratado litterario do Leão e do Burro.

*

Obituario :

Um telegramma da Europa noticia o fallecimento do pintor brasileiro Rocha Fragoso.

Nesta capital falleceram : o conselheiro Carlos Frederico, medico virtuoso e sympathico, e o bom e alegre commendador Raphael Ascoly, que no seu tempo foi terrivel. De uma feita o vi, de bengala em punho, « armar um rolo » incrivel no Alcazar, e ficar na plateia, a rir-se dosque fugiam, victorioso e sosinho. Bom tempo!

*

Um telegramma da Agencia Havas diz o seguinte : «Pariz, 6. Falleceu hoje o Sr. Guy de Maupassant, litterato e membro da Academia Franceza.»

Perdão. O celebre autor de *Boule de Suif* num dia de bom humor declarou que nunca seria tres coisas: casado, condecorado e academico. Só a Agencia Havas, useira e vezeira nessas *bévues*, se lembraria de mettel-o no Instituto... depois de morto.

Guy de Maupassant perdêra o uso da rasão, e se achava ha muitos mezes internado num hospital. Por bem dizer havia morrido. Hoje só temos que lamentar o seu desaparecimento definitivo.

Discipulo de Flaubert, que lhe consagrava um affecto paternal, Maupassant tornou-se, na flor da idade, uma das figuras mais salientes da litteratura franceza contemporanea. Era um romancista vigoroso e um inexcedivel fazedor de contos. A sua memoria virerá eternamente nos sens livros.

A.

RASTRO DE AMOR

Vasos de oiro, tapetes, luzes, flores,
Porcellanas, espelhos de Veneza,
Essencias, pedrarias de mil côres,
— Tudo resplende aos brilhos da riqueza ;

Mas de repente, archanjo de pureza,
Ao som da festa, em meio dos fulgores,
Tu surges no salão, e a singeleza
Do teu vulto é maior que os esplendores !

Passas sorrindo, timida, innocente,
E eu te acompanho o passo enamorado
Com longo olhar, apaixonadamente.

Depois desapareces ; mas, calado,
Meu espirito segue, inconsciente,
O teu sonoro rastro perfumado...

ADELINO FONTOURA.

A NOIVA DO BERNARDO

Meio dia acabavam de tocar os sinos das velhas e silenciosas egrejas.

Causticos raios de sol esparrinhavam-se amplamente sobre a cidade, enchendo-a de um calor brutal, dando á carne estafada dos que trabalhavam a languidez morbosa de canção e fadiga.

O Bernardo, com os olhos ignificados de um fulgor estranho, sentou-se em frente da viscosa e empoeirada mesa da tasca.

Elle abandonára a mulher desde a noite passada; maldizia, com tregeitos e esgares sordidos, o haver se casado, ha tres dias; e, com a voz arrastada, com o abrir de labios pesados de bebedo, salivava de nojo, de asco de ter a seu lado, durante toda a vida, uma rapariga formosa, que mal desposára e já lançava da bocca mimosa, quantas vezes beijada! o corpo hediondo e sinistro de uma serpente !

*

A encantadora Maria, casada com o Bernardo, cêdo buscára o thalamo; fatigada, como se sentem



AFFONSO CELSO

as mulheres nos primeiros dias de noivado, fechou as suaves palpebras, cercadas de uns tons profundos de violeta, e, pensando talvez em seu querido noivo, adormeceu mansamente.

Cercava-a um silencio religioso, e a claridade tenue da vela banhava-a de um luar doce e macio.

Minutos antes de entrar o marido, ella, desperta ás brutas, paralyzada de horror, assistio ao combate que o seu nédio e felpudo gato sustentava com uma pequena e horrivel cobra.

O bichano, com os arredondados olhos phosphorejantes, vio a serpente subir o leito, dobrando, em voltas sinuosas, o corpo escorregadio pelas torneadas pernas da cama.

Saltou sobre os claros e perfumados lençóes e a esperou bellicamente...

Ah! que podia fazer a graciosa Maria, quando sobre a pelle alva e setinea do seu collo delicado sentio o peso do audacioso gato e da immunda serpente, e os vio medindo-se, apertando-se, mordendo-se?!

Era-lhe possível gritar; porem a lingua tornárase-lhe pezada; os labios seccos abriram-se e se conservaram immoveis; em sua alma houve um gelar de morte; e, quando, assombrada, tentou erguer-se, soffreu um choque tragico, insensibilisando-se toda num ataque mortal.

Immovel, sem acção, ella não pode seguir os belluinos movimentos e os estrategicos saltos com que o atrevido gato ferio luta com o sordido inimigo.

O bichano, batendo repetidas vezes, com as mãos delicadas, o setim alvissimo do seu collo formoso, elevando o dorso flexivel, pondo á sovela o macio pello, atirava-se ao monstrengo que, todo em curvas sobre si mesmo, arrojava para a frente a cabeça achatada, com a lingua de fóra, sibilando veloz; elle, porém, retrahia-se; o bote, em falso, era atirado e, livre do perigo, saltava sobre o adversario, cravando-lhe dentes e garras.

Mas, num ataque rapido e imprevisto, sentio-se ferido; sobre a chaga, num movimento de segundos, esfregou a lingua, humida de saliva; usára do seu contra-veneno e, mais cortado de coleras, mais possuido de furor bellico, podia agora continuar o combate.

A serpente, levada de vencida, tentou, medrosa e covarde, fugir ás pressas do terrivel e audaz inimigo; quando, porém, se arrastava, os claros dentes fortes do victorioso gato rasgaram-lhe as carnes e as garras aguçadas prenderam-lhe a cabeça escorregadia e asquerosa.

Ferida e exhausta, ella vagarosamente enroscou a hedionda cauda no unico baluarte que lhe podia servir de inevitavel defeza: no gracioso peito da suave Maria!

D'alli, segura e audaciosa, atirou outro bote, nodoando, com vermelhas gottas sanguineas, o alvor eburneo do collo da rapariga, e repousando a cabeça esqualida no mamillo gracioso e delicado.

Como o bichano podia então feril-a?

Elle comprehendia que, offendendo o inimigo, offendia a sua senhora...

Com branduras geitosas, começou a arranhar a cobra que, ao levantar a cabeça, sentio-se mordida e presa ás felinas garras.

N'um movimento brutal de dor, dependurada dos agudos dentes do gato, ella pode evitar ainda as maguas impudicas da derrota e as duras agonias da morte; fugio...

O bichano perseguia-a, quando o Bernardo entrou na camara nupcial.

Com extasis abeberados nos impetos do vinho, baixou a fronte e, num luminoso beijo apaixonado, unio aos labios da esposa os seus grossos labios que logo se separaram, trazendo suspenso o corpo sinistro da cobra, como uma flammula guerreira atrahindo o gato ao combate...

A misera serpente, perseguida e caçada, encontrára emfim um abrigo: a delicada e graciosa boquinha da suave Maria.

CUNHA MENDES.

VISÃO MODERNA

FINAL DE UM POEMETO

« Bem, meu poeta, agora eu vou dizer-te adeus,
Já esmorece a luz pela amplidão dos céos...
Quando um dia talvez eu me encontrar contigo,
Quero chamar-te ainda o meu primeiro amigo!
Adora a Arte, adora, assim como um Rajah
Nos sonhos seus adora as tentações de Allah! »

Sumio-se a Musa casta envolta n'um sudario,
Como pingo de luz cahido n'um hostiario!
Vinha rompendo o sol em fulminações de aço
Como uma chuva de oiro a assoberbar o espaço!
E pelo anil do céu — umbella colossal —
Anda a passarinhar este sol — o IDEAL!

LEONIDAS E SÁ.

PARODIA DO « HAMLETO »

O grande humorista, o brilhante poeta *Fantasio*, que opulenta as columnas da *Cidade do Rio* com as suas esplendidas chronicas, acaba de publicar naquella folha uma engraçadissima parodia da scena 1ª do 3º acto da tragedia de Shakespeare.

Não resistindo ao desejo de archivar nas columnas do *Album* esse magnifico trecho de poesia humoristica, pedimos venia para transcrevel-o, declarando, entretanto, que o nosso intuito é exclusivamente litterario, e nada temos que ver com a opinião politica do poeta, manifestada nesses versos de um modo aliás inoffensivo e risonho.

ACTO III—Scena I

(Uma sala no palacio de Hamaraty. Hamleto entra vagarosamente e pára no meio da sala. Apoiá o queixo na palma da mão direita, fica com a mão esquerda mettida na abotoadura da sobrecasaca, e balança uma perna, meditabundamente.)

HAMLETO monologando.

Ser ou não ser... Minh'alma, eis o fatal problema!...
Que deves tu fazer, nesta angustia suprema,
Alma forte? Cahir, degradingolar no abysmo?
Ou bramir, ou lutar contra o federalismo?
Morrer, dormir... dormir... ser deposto... mais nada!
Oh! a deposição é o patamar da escada...
Ser deposto!... Rolar por este abysmo, ás tontas...

(Depois de longa meditação)

E o cambio? E o Victorino? E o Tribunal de Contas?

(Outra meditação)

Morrer, dormir... dormir? sonhar talvez! Que sonho?
Que sonho? a reeleição!

(Nova meditação)

Se os batalhões disponho
Com geito, e os affeição ás ambições que sinto,
Venço... E esta opinião é a do Moreira Pinto!

(Cae n'uma reflexão profunda)

Mas, enfim, para que ser novamente eleito?
Se não fosse o terror... Se não fosse o respeito
Que a morte inspira, e o horror d'esse somno profundo...
Ah! quem supportaria os flagellos do mundo;
O odio de Juca Tigre; o armamento estragado;
A petulancia atroz do tenente Machado;
O commercio que morre; a industria que adormece;
A lavoura que mingua; o deficit que cresce
Horgivelmente, como a esteril tiririca;
A bravura do Moura; o genio do Oiticica...
— Oh! quem resistiria a tanto, de alma forte,
Se não fosse o terror do ostracismo e da morte?

(Pausa)

O ostracismo... região triste e desconhecida,
D'onde nenhum viajor voltou jamais á vida...
Ah! eis o que perturba... Ah! eis o que entibia
A coragem maior e a maior energia!...

(Entra Ophelia)

Ahi vem a bella Ophelia...

(Voltando-se para ella)

Anjo! quando rezares,
Nunca peças a Deus pelo Silva Tavares...

OPHELIA.

Meu senhor, como está?

HAMLETO.

Bem, obrigado, filha!
Viste se estava á porta o nosso Quintanilha?

OPHELIA.

Não vi, não, meu senhor. Tenho de Vossa Alteza
Doces prendas de amor que me enchem de tristeza...
Ah! não quero avivar, guardando-as, a saudade...

HAMLETO.

Não te dei nada!

OPHELIA.

Deu! Deu-me elasticidade,
Com que me transformei n'uma lei de borracha!
Meu senhor! A que mais devo eu este prodigio,
Senão ao seu amor, senão ao seu prestigio?

HAMLETO.

Dize, Constituição, tu és republicana?

OPHELIA.

Meu senhor...

HAMLETO.

Dize mais! E's norte americana?

OPHELIA.

Principe...

HAMLETO.

Meu amor, parte para Chicago...
Olha! eu nunca te amei! Se um sonho idiota e vago,

Um dia te incutio tal coisa na cabeça,
Que te deixe esse sonho, e essa illusão te esqueça!
— Varre o sonho, criança... Homem nenhum merece
Um juramento, um beijo, um suspiro, uma prece...
Parte para Chicago...

OPHELIA.

Iluminae-lhe a mente,

Poderes celestiaes!

HAMLETO.

Sou vice-presidente?
Sou presidente? Sou dictador? Sou cacique?
Oh! que paralyzada a minha lingua fique,
Se te minto! Não sou mais do que um homem. Parte!
Que é de teu pae?

OPHELIA.

Não sei.

HAMLETO.

Devia acompanhar-te.

A lei, neste paiz, não póde andar sosiuha...
Parte para Chicago! A tua dor é a minha:
E' a dor que anda a chiar em toda a vida humana!
Parte para a immortal nação americana!
Parte para Chicago!

(Olha fixamente para Ophelia)

Ah! entendo o teu susto:
Não tens dinheiro? Toma esta ajuda de custo!
São cem contos de réis... Prostituo, mas pago.

(Vae sahindo)

E adeus, Ophelia! Vae! Parte para Chicago!...

FANTASIO.

DUAS PAIZAGENS

A BABY-MEE

Como a tua lembrança neste instante
Me punge n'alma funda e amargurada!
E' a hora em que a terra, em luz banhada,
Estreita ao seio o sol agonisante.

E' tudo o mesmo: a casa na esplanada...
O céu azul... o morro verdejante...
Mas, sem teu vulto negro e deslumbrante,
Como esta scena é triste e desolada!...

Tambem, noutro paiz, bem longe, um dia,
Vi dominando uma paizagem fria
Um cysne preto, sob um céu tristonho...

Não mais te vi que o não sonhei te vendo,
E agora — só agora — compreendendo
Porque essa ave me povôa o sonho!...

FONTOURA XAVIER.

Santa Theresa, 12—4—92.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

IX

(Continuação)

— Bem — atalhou Carrero, logo que o medico
finalizou — nesse caso está explicada toda a scena

que se passou entre a tua pessoa e Carmen na sala de visitas. Dizes que ao dares um beijo respeitoso na mão de Dolores... — não sei se deva acreditar que lh'o desses na mão—ouviste um *ai* abafado, um *ai* de agonia...

— Perfeitamente...

— Explica-se: Carmen presenciou tudo; ama-te; teve ciúmes; é moça; não tem a nossa experiencia. Em todo o caso, já deve comprehender que, sendo a mãe uma d'essas mulheres a quem chamamos *esplendidas*; sendo tu, por tua vez, um rapagão de truz, não deve ser lá muito para crer que esse diabolico e inconveniente beijo fosse um beijo de filho. Depois... queres que t'o declare? Vocês, homens de espirito, fantasistas, podem dizer quantas vezes quizerem que os homens de tua idade podem amar, como a uma verdadeira mãe, qualquer mulher que conte a existencia pelo numero de annos que tem Dolores. E' baldado. Onde ha mocidade é contar com a presença de Satanaz, e tu bem sabes que Satanaz não costuma fazer boa obra. O que succede, pois, é que Carmen está, de hoje em diante, capacitada de que tu e Dolores vos amaes, e que nesses amores ha qualquer coisa de escandaloso. E queres saber?... antes Carmen tivesse assistido á *cavatina* do beijo, agora que tem dezoito annos, do que presenciar tudo isso na idade dos quatorze. Hoje, ella debater-se-á como a serpente que não póde abrir os anneis com que se enlaçou a um tronco de arvore, mas ha de calar-se. Antes não o faria: correria ao coronel Blanco e, com a inconveniente ingenuidade das crianças, diria ao padraсто...

— O que?...

— O que?... ora, ora!... Por exemplo: que eras tão bom e tão amigo da *maman*, que lhe davas beijos, tal como a ella o coronel Blanco.

— Bem! as coisas, pois, estão n'este pé. Aconselha-me, porque, como deves saber, sou homem que leva o dia a recitar e a noite a pensar em diagnosticos e symptomias. O amor é grande coisa, porém rouba-nos muito tempo...

— Comprehendo... e como a mim m'o sobra, dás-me o encargo de pensar por ti... *Capisco!*

— Apoiado. Nisso vae o elogio de tua pessoa.

— Obrigado!... Pois bem, o que ha a fazer é o que te vou dictar em pouquissimas palavras: A' vista do que me acabas de contar, já não são duas as pessoas que comprehenderão a comedia. Carmen dirá tambem consigo:—Que coincidencia! aquella; aquel'outra, esta, est'outra phrase parece-me terem sido escriptas para qualificar a situação em que nos achamos, eu, minha mãe e Lucio. Depois, pensará muito e concluirá: — Os jornaes dizem que a comedia foi escripta em Montevideo; e, com effeito, é de costumes nacionaes; aqui poucos se dão ao trabalho de escrever para o theatro... não seria Lucio?...

— Tens razão! Bem póde ser que Carmen raciocine d'esse modo, tanto mais quanto ainda me re-

cordo de que no saráo a que assistimos, em casa do coronel Blanco, fallando em litteratura dramatica, eu disse-lhe haver escripto em Pariz uma comedia, que fez as delicias dos frequentadores do *Ambigu*.

— Tanto melhor. A ti convirá que tudo seja francamente sabido de Dolores e da filha. Nessa comedia dás bem a perceber que ha moças que excedem em valor ás mães, uma vez superiormente educadas. Carmen se convencerá de que a amas, repudiando, de logo, a ideia de que attendes á *coquetterie* de Dolores.

— E se esta resiste, decidida, que deve estar, a não consentir no meu amor?

— Se tal succeder, então a situação estará positivamente decidida.

— Como assim?

— Carmen sentirá, embora filha, que ha um despropósito no procedimento de Dolores. O amor é um sentimento tyrannico; ella ha de lutar e lutar muito entre as exigencias de um dever de filha e de um impulso do coração. Afinal, porém, a falta da filha será compensada com a pouca ou nenhuma generosidade materna. Se a não amasses, ainda bem... não lutaria; desde o momento, porém, em que tenha a convicção do contrario, a natureza lhe segredará um brado...

— Aceita a luta!...

— Sim! Carmen aceitará essa luta singular entre dous entes que a natureza physica filiou um ao outro e que o coração separa.

— Que queres dizer?

— Que Carmen e Dolores serão rivaes.

Carrero terminou com emphase, erguendo-se de um pulo, como se por ventura o tivessem tocado os reophoros de uma pilha electrica. E, sem dar tempo a que o seu amigo o interrompesse, acondicionou ás pressas o volume da comedia numa larga folha de papel, prensou-o no sovaco esquerdo, como um tabellião de notas que se retira, grave e sisudo, do seu cartorio.

Lucio não insistio, e aceitou o aperto de mão que lhe estendeu Carrero.

Este abriu um passo decidido, e finalisou a entrevista com algumas phrases, pronunciadas de modo incisivo e convicto.

— Agora, mais do que nunca, me interessarei por estes amores *sui generis*. Sempre quero ver em que vão parar as modas. E para isso, meu caro Lucio, o primeiro passo que temos a dar é este — tratar de fazer representar esta comedia.

E, batendo ao de leve com os dedos sobre o rolo de papel, foi-se a passos largos.

Lucio deixou-se ficar na mesma posição, indifferentemente, a prestar ouvidos ao ruido compassado que faziam os tacões dos botins de Carrero sobre o marmore da escada. Depois, volvendo-se, como que chamado á realidade, passou á ligeira a mão pela frente, e aconchegou-se mais á *robe de chambre*, molestado por um frio que não saberia explicar se

era proveniente de causas atmosphericas ou se da impressão moral.

Demorou-se nessa attitude contemplativa de homem sonhador, que passeia pelo interior do seu cerebro.

E logo murmurou a medo palavras intercortadas:
— Carmen !... Dolores !... rivaes !..

Dão-se d'estes problemas na vida de cada um. Resolvem-se é tão facil, que assignala-se-lhes promptamente um fim, sem ter o menor receio de commetter faltas. Dir-nos-ão: Porque não evitar o mal? — E' facil responder: Porque a vaidade humana não quer sacrificar-se em proveito da placidez e da paz de espirito.

Carmen e Dolores seriam rivaes. Eliminado Lucio — e a ausencia elimina as pessoas — a familia Blanco voltaria ao antigo prosaismo da vida domestica.

Ao contrario, porém, a experiencia de Carrero peccou. A luta ia principiar no dia em que no *Solis* se ouvisse declamar a comedia de Lucio. E assim foi.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

ELLA partio para São Paulo... Ditosos paulistas !...

Os seus ultimos espectaculos foram *Theodora*, de Sardou, *Adrienne Lecouvreur*, de Scribe e Legouvé, e... Que inexplicavel capricho o de Sarah Bernhardt, introduzindo no seu repertorio o *Maitre de forges* ! Ahi está uma honra com que não contava o doce Georges Ohnet...

Não ha duvida que os papeis de Theodora e Adriana são irreprehensivelmente interpretados; mas quem admirou a grande artista na *Phedra*, póde apenas applaudil-a noutros papeis.

Agradecendo a Sarah Bernhardt, como parte, embora insignificante, do publico fluminense, a enorme satisfação, que nos proporcionou, de vel-a e ouvil-a pela segunda vez, fazemos votos para que um dia os accasos da existencia de novo a tragam ao Rio de Janeiro.

*

A companhia dramatica do theatro D. Maria II, de Lisboa, deu-nos *Hamlet*, a tragedia immortal de Shakespeare, o *Abbade Constantino*, bonita peça, extrahida do romance de Ludovic Halévy por Hector Cremieux e Pièrre Decourcelles, e a *Madrugada*, finissima comedia, escripta, em sonoros versos, por Fernando Caldeira, o illustre poeta da *Manilha de renda* e das *Nadadoras*. Só temos elo-

gios para os artistas, dando sempre o primeiro plano a Rosa Damasceno, Brasão, João e Augusto Rosa.

*

A outra companhia portugueza, que trabalha no Apollo, representou um velho e commovente melodrama de A. Bourgeois e Dennery, a *Mendiga*, cujo principal papel foi magnificamente representado por Amelia Vieira. Nesse difficil personagem fazia-nos chorar, ha vinte e tantos annos, Manoela Lucci, que era, naquelle tempo, a Sarah Bernhardt, a Amelia Vieira e a Rosa Damasceno do Norte do Brasil.

*

No Lucinda inaugurou os seus trabalhos uma companhia de comedia e opereta, de que são prezarios o popular actor Peixoto e a estimada actriz Clementina dos Santos. A peça de estreia foi uma comedia de Gervasio Lobato, intitulada as *Noivas do Sr. Enéas*. Sobre a peça e o desempenho dos respectivos papeis daremos a nossa opinião no proximo numero do *Album*.

*

Continúa a agradar a companhia Tomba, do Polytheama. Os seus ultimos triumphos foram os eternos *Sinos de Corneville*, de Planquette, a *Lucia*, de Donizetti, e os *Mosqueteiros no convento*, de Varney.

*

O Variedades, o Sant'Anna e o Recreio enchem-se todas as noites com o *Diabo coxo*, a *Conquista dos tali mans* e a *Viagem á volta do mundo em 80 dias*.

X. Y. Z.

AO SR. DR. JOSÉ CARLOS RODRIGUES

Redactor-chefe do *Jornal do Commercio*

Envia pezames

O ALBUM.

5 - 7 - 93.

Recebemos:

— *Aquarelas*, contos de Olympio de Araujo, com um prefacio de Silva Tavares.

— O n. 3 de *El Heraldó Español*, periodico illustrado que se publica nesta cidade, e do qual é director o Sr. F. Gonzalez; o n. 77 da *Gazeta Postal*; o n. 373 de *L'Etoile du Sud*.

Imprensa H. Lombaerts & C.